

EU VI O MUNDO... ELE COMEÇAVA NO SERTÃO¹

Bruno Maia Halley²

Parafraseando a célebre frase do grande pintor pernambucano Cícero Dias a propósito da Cidade do Recife, eu vi o mundo e ele começava no Sertão. Iniciava-se numa terra distinta, outrora descrita por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* e Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Um Sertão ávido por mudanças e sintonizado com o imenso movimento do mundo, em detrimento daquele associado ao drama das secas, da pobreza, da fome e, conseqüentemente, da miséria.

Um Sertão que durante o itinerário me fez registrar inúmeras imagens eternizadas em retratos coloridos no meu quadro de lembranças, que em nada lembram aqueles cinzentos absorvidos da mídia. Pois, assimilei o cotidiano e as reminiscências do sertanejo forte – como bem disse Euclides da Cunha -, os sorrisos nos rostos fissurais, a luz do olhar carente e igualmente acolhedor das pessoas do lugar... Como esquecer o Seu Jacinto? Um verdadeiro desbravador da caatinga. Ou mesmo os meninos de Ibimirim (do Programa de Educação Ambiental) que ensinam brincando nos mais diversos lugares – no pau-de-arara, no ônibus, nas agrovilas, no cinema, e na rádio.

Tornei-me espectador incondicional de brilhantes jovens em momentos sintomáticos com seu mundo vivido. Numa espécie de enlaçamento afetivo dos indivíduos com as especificidades do lugar. Prova marcante fora Seu Jacinto, ao descrever, imbuído de sensibilidade, a fisionomia da caatinga no “seu quintal”. Naquele instante, ele me fez repensar e associar os nomes dos entusiasmados meninos àquele pedaço de Sertão: Quixabeira, Caruá, Jucá, Bom Nome, Mandacaru, Facheiro, Feijão Brabo, Umbuzeiro (ou Imbuzeiro), Angico, Pau-de-Leite, Mamão Brabo, Quebra-Faca, Imburana de Cheiro, Maniçoba, Alento, Alecrim, Pinhão, Ubiratan... Creio que até Vasconcelos Sobrinho se espantaria com a pluralidade de nomes na flora sertaneja.

¹ Desprovido da pretensão de esgotar as lembranças ou mesmo empreender uma análise mais profunda, este ensaio de índole sentimental constitui-se um pequeno relatório de campo realizado no município de Ibimirim (Microrregião do Sertão do Moxotó e Mesorregião do Sertão Pernambucano), no mês de setembro de 2009, como fruto das atividades desenvolvidas no Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política – LECgeo, da Universidade Federal de Pernambuco. Neste trabalho foram visitadas algumas políticas de abastecimento d’água (perímetros irrigados e açudes), programas de Educação Ambiental e assentamentos agrícolas (agrovilas), afora visitas aos pequenos produtores locais e as áreas de preservação da Caatinga.

² Doutorando em Geografia pela UFF e Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos Sobre Espaço, Cultura e Política da UFPE, bhalleype@hotmail.com.

Laércio, Ivan, Ricardo, Romário, Cris... Nomes simples, curtos, que certamente não refletem a grandeza dos muitos gestos e atitudes. Bem que Laércio poderia se chamar *Alento* pelos dias difíceis superados. Cris, pela doçura e alegria seria o *Angico Florido*. Ricardo deveria se chamar *Feijão* ou *Mamão Brabo*, dependendo da sua preferência. Um *Bom Nome* para Ivan seria *Pau de Leite* com todo seu poder medicinal. Romário, possivelmente se chamaria *Mandacaru*, pela força e resistência face às inclemências do clima. Enfim, são alguns nomes-codínomes que se transformam em pistas no desvendamento das pessoas do lugar e que se misturam a outros no decorrer desse período promissor.

Período marcado pela presença constante da água, seja nos açudes Ibimirim ou Poço da Cruz, seja nos diversos canais e canaletas do Perímetro Irrigado do Moxotó (PIMOX). O que durante o dia acaba por conceder as áreas destinadas às culturas agrícolas, um verde “molhado” e exuberante na paisagem sertaneja. À noite, chama atenção o céu magnificamente estrelado como em nenhum outro lugar e, que me fez entender a grandeza e o sentimento dos versos poéticos de João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense – *Não há, oh gente, oh não, luar como esse do sertão...*

Impossível também imaginar outro lugar nessas terras brasileiras onde haja apego religioso tão expressivo. É do alto, do reino dos céus que se deposita a fé em dias melhores. A propósito, quem não lembra da grande prece durante cortejo fúnebre no centro de Ibimirim? Ou das singulares e angelicais igrejas do Sertão? Recantos graciosos e ajardinados a receber seus humildes fiéis, a exemplo da Dona Sônia. Senhora gentil que conheci no orvalho da manhã com sua filha adotiva de poucos dias a esperar por uma rezadeira a fim de livrar do mal aquele novíssimo ser.

São práticas de tempos distantes, de modos de vida préteritos que acabam por conferir ao sertanejo uma identidade própria a despeito dos novos hábitos que tendem a arrefecer antigos costumes enraizados na região. A título de exemplo, destaque-se também o vaqueiro, típico personagem do nordeste brasileiro que ainda se faz presente, não obstante a acelerada degradação da caatinga e a introdução cada vez maior de aparatos técnicos (motocicletas, automóveis, etc.) no semi-árido.

Trata-se das metamorfoses numa região anteriormente fadada ao sofrimento, e que na ordem do dia, mostra-se aberta ao diálogo com o mundo. Numa aproximação que faz lembrar o filme vislumbrado pelo músico pernambucano Silvério Pessoa, que em certa oportunidade me confidenciou a vontade de gravar um “Sertão futurista”, *hi-tec*, com

seus *bit's* e *bites* em conexão imediata com a *totalidade* – ou *totalidade mundo* como bem ensinou o Mestre Milton Santos.

Na experiência de campo foi possível atestar fragmentos deste universo silveriano, haja vista as inúmeras *lan-houses* e parabólicas fincadas nas residências sertanejas ou as frequentes trocas de *e-mails*, celulares, imagens digitais, mensagens e *facebooks* entre as pessoas. Esses exemplos revelam a sintonia dos indivíduos com o espetáculo das redes globais, onde eles passam a perceber e serem percebidos no imenso movimento da ordem vigente.

Daí se assenta minha releitura do Sertão. Um lugar do mundo em permanente ebulição.